

PROSPECÇÃO TECNOLÓGICA DE PRODUTOS CICATRIZANTES EM FERIDAS DE PETS

Maria Clara Batista Dias¹; Julia Samara Pereira de Souza²; Maria Eduarda de Medeiros Bezerra³; Dra. Heryka Myrna Maia Ramalho⁴ (Orientadora).

1. Graduanda em Biomedicina – UNP - mclaradias@outlook.com.br;
2. Bióloga – UNP - juliasamara16@gmail.com;
3. Graduanda em Biomedicina – UNP - duda59218@gmail.com;
4. Doutora em Ciências Farmacêuticas-Nutrição e Química dos Alimentos – UNP - herykamyrna@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A pele é constantemente agredida, por ser a barreira principal contra qualquer tipo de ameaça do corpo. Após uma lesão na pele, dá-se início ao processo de cicatrização e existem produtos que podem facilitar e melhorar esta situação processual. Com intuito de aumentar os resultados no processo de cicatrização, os seres humanos interferem nesse tipo de atividade desde a antiguidade. A utilização de tratamentos e terapias alternativas para feridas agudas e crônicas, cresceu nas últimas décadas, pois tratam de opções, em sua maioria, de baixo custo e que já possuem testes (Oliveira *et al.*, 2010). Em animais, a cicatrização de feridas acontece em sua grande maioria por parte do uso de produtos de caráter tópico, podendo ser utilizados para a limpeza do local, com atividade antimicrobiana e formulações com poder de potencializar a cicatrização (Silva *et al.*, 2021). Corroborando com a criação de novos métodos e alternativas para a cicatrização de feridas, não existe ainda um padrão ouro para o tratamento de feridas cutâneas em cães na Medicina Veterinária, uma vez que poucos são aqueles produtos curativos voltados para esta área (Filho *et al.*, 2014).

OBJETIVOS

Dessa forma, sabendo que o tratamento de feridas em animais é de suma importância para a área da Medicina Veterinária, já que grande parte dos atendimentos em clínicas veterinárias envolvem animais acometidos por lesões cutâneas de diferentes etiologias, o presente trabalho tem por objetivo fazer uma busca sobre quais propriedades tecnológicas, em formato de patentes, já existem em relação ao tratamento de feridas em pets.

METODOLOGIA

Para realizar a busca por patentes, os bancos utilizados foram o ESPACENET, Instituto Nacional de Propriedade Industrial do Brasil (INPI), United States Patent and Trademark Office (USPTO) e World Intellectual Property Organization (WIPO). A pesquisa se deu através da busca pelas palavras-chave, nos idiomas português e inglês, “feridas”, “animais”, e “formulação” nos quais os documentos contendo os termos em seu título e resumo foram selecionados.

RESULTADOS

Ao total, 42 patentes foram encontradas possuindo relação com os termos de busca propostos, divididas entre os quatro bancos de patentes (Tabela 1).

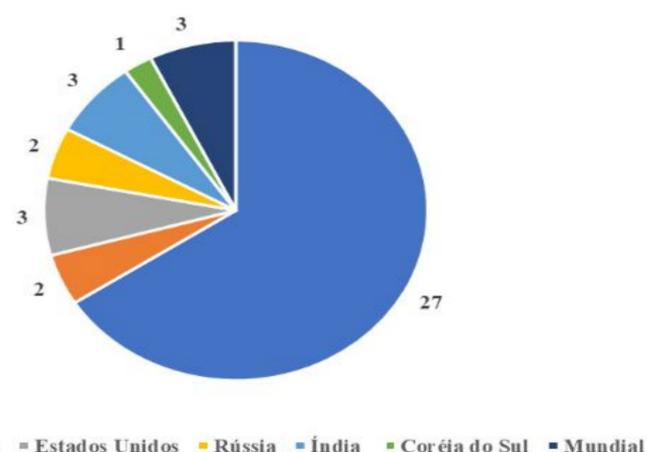
Tabela 1: Patentes encontradas nos bancos de patentes.

PATENTES			
INPI	WIPO	ESPACENET	USPTO
27	12	1	1

Fonte: Autoria própria (2023).

Em relação aos países, 6 apareceram em destaque entre as patentes (Gráfico 1).

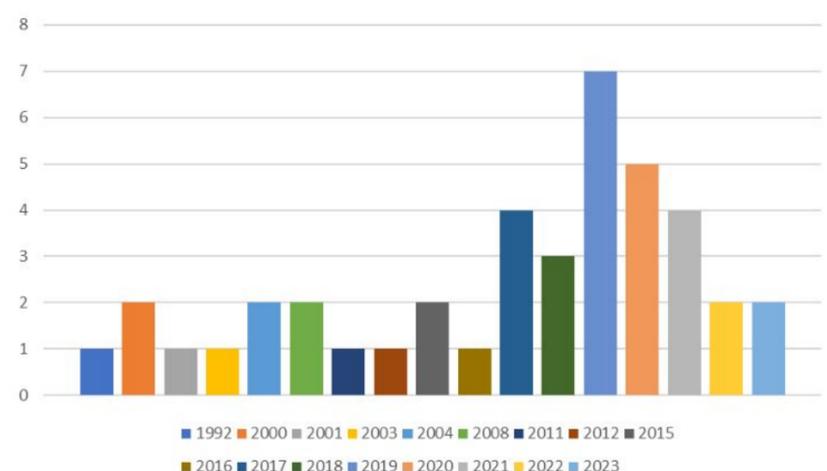
Gráfico 1: Quantidades de patentes relacionadas aos países.



Fonte: Autoria própria (2023).

Já para os anos de publicação, O ano de 2019 foi o destaque com sete registros, seguido pelo ano de 2020 com cinco e 2021 com quatro (Gráfico 2).

Gráfico 2: Relação ano x publicação das patentes.



Fonte: Autoria própria (2023).

CONCLUSÕES

Como percebido que existem diversos produtos à base de plantas com o potencial cicatrizante, é sugerido que novos estudos com diferentes espécies vegetais sejam conduzidos, para que assim novas propriedades tecnológicas no âmbito da cicatrização de feridas em animais sejam produzidas e que resultem em comercialização e, conseqüente, desenvolvimento para o setor.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, F. Q. et al. Espécies vegetais indicadas na Odontologia. Revista Brasileira de Farmacognosia, v.17, n.3, p.466-476, 2010.
- SILVA, Thomás et al. TRATAMENTO DE FERIDAS EM CÃES E GATOS. ENCICLOPEDIA BIOSFERA, v. 18, n. 37, p. 475-494, 2021.
- FILHO, N. P. R. et al. Uso de coberturas no tratamento de feridas de cães e gatos: Revisão de literatura. Revista Científica de Medicina Veterinária, v. 12, n. 40, p. 1-12, 2014.